

Apresentação

Primeiro, colonizada, depois, subordinada e dependente na cadeia imperialista, constituída de formações sociais com forte presença de povos pré-colombianos, a América Latina sempre representou um desafio aos estudiosos. No campo do marxismo, José Carlos Mariátegui foi um pioneiro e inovador com suas teses sobre o lugar dos povos originários na luta anticapitalista; sobretudo porque formulou essas teses numa conjuntura de muito prestígio da concepção etapista de transição ao socialismo. Que não se engane o leitor com a presença das palavras “etapa” e “fase” na formulação de Mariátegui, pois aí elas não designam um estágio numa ordem sequencial progressiva, mas a contemporaneidade de todas elas numa luta que tem por horizonte o fim da dominação e exploração de classe.

Nessa quadra histórica, quando a luta pelo socialismo é retomada pela via insuspeita do questionamento das políticas de Estado e da exigência de constituição de outros tipos de Estado (dito comunal, na Venezuela; plurinacional na Bolívia; cidadão no Equador), via diferente das guerrilhas que agitaram a região até a década de 1980, mas não oposta a elas na medida em que delas tira lições e guarda o espírito rebelde, é oportuno retomar o legado de Mariátegui à luz dos novos desafios enfrentados pelas forças populares.

Como a obra de Mariátegui suscita um debate de grandes dimensões, o dossiê que *Lutas Sociais* apresenta pretende ser uma pequena contribuição para esta tarefa teórica, por isso os artigos do dossiê não integram um todo teoricamente articulado. Cada qual, partindo de perspectiva distinta oferece uma interpretação de algum aspecto particular da obra. Assim, a revista tem o prazer de publicar pela primeira vez no Brasil Antonio Melis, o maior estudioso vivo da obra de Mariátegui, cujo artigo sublinha a originalidade das análises do marxista peruano da vida cotidiana limenha, tema pouco explorado pelo marxismo crítico. Michael Löwy aborda a importância conferida por Mariátegui ao surrealismo, entendido não como um “simples fenômeno literário”, mas como um “complexo fenômeno espiritual”, expressão ideal-típica do que o sociólogo franco-brasileiro denomina “romantismo revolucionário”. Em entrevista concedida a Deni Rubbo, o teórico e militante político argentino, Miguel Mazzeo, da Frente Popular Dario Santillán, acentua a atualidade do marxismo heterodoxo de Mariátegui do ponto de vista dos movimentos populares contemporâneos na América Latina, em

cujas práticas é reproduzido um forte ideário utópico-religioso, além de uma incomum solidariedade internacionalista. Noelia Figueroa apresenta uma análise comparativa entre as produções de José Carlos Mariátegui e Walter Benjamin, buscando estimular a reconstrução de uma teoria crítica radical, a partir dos alicerces que se encontram na reflexão dos dois autores, de uma epistemologia política subalterna. Fabio Mascaro Querido examina a relação criativa e original, na obra do marxista peruano, entre a concepção da revolução projetada para o futuro e o resgate da tradição de resistência dos vencidos do passado. Soraia de Carvalho e Jórissa Aguiar debruçam-se sobre a prática política de Mariátegui, particularmente no que diz respeito à sua relação com a Internacional Comunista, através da elaboração das táticas de Frente Única Proletária e Frente Única Antiimperialista. Por fim, o dossiê apresenta a carta de ruptura de Mariátegui com a célula aprista do México, ainda não publicada no Brasil, que marca a oposição do autor ao nacionalismo de Haya de la Torre.

Quatro outros artigos completam este número de *Lutas Sociais*. Lúcio Flávio de Almeida examina os dez anos de governo petista que, deslizando aos poucos para a direita, pode adotar políticas mais repressivas frente às forças operárias e populares. Guillaume Saes analisa os fatores que levaram as forças armadas a cumprirem um papel revolucionário na década de 1880. Rodrigo Chagas passa em revista o debate gerado pela obra *Revolução Burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes, entre alguns dos seus interpretes. Natalia Scartezini investiga os impactos políticos e sociais das missões sociais bolivarianas.

Em resenha do livro *A história da destruição cultural da América Latina*, de Fernando Báez, Waldir Rampinelli faz uma reflexão sobre o que significou para os povos originários a conquista da América Latina no século XVI.

Enfim, este número de *Lutas Sociais* aborda alguns dos problemas e desafios que a América Latina representa para as análises críticas como uma pequena contribuição para a reflexão sobre as lutas populares travadas neste subcontinente.

Jair Pinheiro
(pelo Comitê Editorial)